

Ativismo em rede no movimento feminista do Paraná: a internet como espaço de visibilidade das lutas das mulheres¹

Bruna CAMARGO²

Karina Janz WOITOWICZ³

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo discutir o movimento feminista do Paraná e sua articulação através das redes. Trata-se de uma nova forma de ativismo, usada pelos movimentos sociais em geral, com intuito de resistir, protestar e reivindicar. O ativismo na web tem, como uma de suas características, a produção e divulgação de conteúdos contra-hegemônicos. A partir da ênfase na relação entre movimentos sociais e internet, de um resgate histórico parcial do movimento feminista e de uma coleta de dados realizada em 14 páginas do *Facebook* de grupos feministas paranaenses, o trabalho pretende mostrar como parte desses grupos se organizam e quais as características principais da mídia alternativa na internet, analisando formatos, temas e recursos utilizados.

PALAVRAS-CHAVE: mídia alternativa; ativismo nas redes; movimento feminista.

Introdução

Entendendo os meios de comunicação alternativos como um mecanismo para diminuir as desigualdades e buscar a autonomia dos grupos minoritários, a história do movimento feminista está diretamente ligada ao uso da mídia como meio de luta, reivindicação e mobilização. Dessa forma, a comunicação é vista como elemento estratégico para promover o empoderamento das mulheres.

Tendo a internet como ferramenta para divulgação de informações, além de um dispositivo midiático capaz de dar visibilidade e servir como espaço de mobilização dos movimentos sociais, o foco do trabalho está no uso das tecnologias pelo movimento feminista. A pesquisa tem como objeto grupos feministas do Paraná que atuam na internet, especialmente por meio das redes sociais, no caso o Facebook, e como esses grupos se articulam em rede.

No presente artigo, serão apresentadas as bases conceituais que sustentam a pesquisa, que envolvem as noções de mídia alternativa e movimentos sociais na web. Também se reconhece a importância de recuperar aspectos históricos do movimento

¹ Trabalho apresentado no IJ 07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Acadêmica da 3ª série do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, bolsista de iniciação científica (CNPq), pesquisadora do grupo de pesquisa Jornalismo e Gênero. E-mail: brunacamargo.jorn@gmail.com

³ Professora Dra. do Curso de Jornalismo e do Mestrado em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, coordenadora do grupo de pesquisa Jornalismo e Gênero. E-mail: karinajw@gmail.com

feminista e do uso da mídia nas ações das mulheres, de modo a projetar o cenário em que a pesquisa se desenvolve, no contexto paranaense.

Importante destacar que não se pretende, com este estudo, apresentar um retrato do movimento feminista e de suas produções de mídia no Estado, mas levantar elementos para verificar um tipo de ativismo na web protagonizado por grupos, coletivos e entidades que atuam em defesa dos direitos das mulheres e da igualdade de gênero, obtido por meio do acompanhamento das páginas no facebook dos principais grupos existentes no Paraná, durante a semana em que se comemorou o Dia Internacional da Mulher em 2016.

Movimentos sociais e Internet

Historicamente, os movimentos sociais buscam formas de atuação através dos espaços de mídia. Atualmente os movimentos fazem uso das novas tecnologias para uma articulação e divulgação de suas ações e meio de protesto e resistência. Bart Cammaerts (p.27, 2013), ao apontar para as formas de resistência utilizadas pelos grupos sociais, considera a internet como uma infraestrutura de informação e comunicação que impulsionou e facilitou que os movimentos sociais se mobilizassem para protestos.

Nos últimos anos, sites de redes sociais baseados no mercado como Facebook, Twitter e YouTube emergiram como ferramentas poderosas para ativistas e movimentos para distribuir contra-narrativas e facilitar a mobilização de massas; um exemplo potente do poder de moldar a sociedade da tecnologia (KAVADA, 2010 apud CAMMAERTS, p.27, 2013)

Kavada (apud Cammaerts p.28, 2013) destaca também que cada vez mais a opção “Curtir” do Facebook é usada por movimentos sociais com intuito de “angariar suporte, construir identidades coletivas e se conectar diariamente com potenciais simpatizantes”.

Segundo Castells (p.11, 2013) a constituição de redes se dá pelas dinâmicas de interação, pois “comunicação é o processo de compartilhar significado pela troca de informações”. Nesse sentido, Massimo Di Felice (p.62, 2013) explica que o conceito pensado por Castells vê a sociedade em rede como um sistema de ordem social que engloba atores e instituições que se comunicam e difundem funções, desejos, esperanças e objetivos humanos. “Na sua visão, a sociedade em rede caracteriza-se como uma sociedade englobante na qual atores, suas ações, o poder e as instituições encontram nas redes sua disseminação e redefinição social” (DI FELICE, p.63, 2013).

Além de um meio de organização e protesto, os grupos fazem uso da internet também para mostrar suas ações, funcionando com um círculo: o grupo faz uso da rede para se articular, depois volta para ela com intuito de manifestar suas atividades e obter mais simpatizantes e ativistas que se identifiquem com sua bandeira de luta.

Tudo é filmado, gravado, fotografado e imediatamente colocado em rede para o mundo. Não somente eles se deslocam conectados, mas a manifestação acontece, de fato, somente se filmada, fotografada e postada na rede, tornando-se novamente digital, isto é, informação compartilhada e distribuída. (DI FELICE, p.65, 2013)

Castells (2013) considera os movimentos sociais como uma alavanca da mudança social. De acordo com o autor, eles acabam em sua maioria originando-se a partir de uma crise e possuem grande desconfiança nas instituições públicas que regem a sociedade, pois não se sentem representados. Ele também aponta que os movimentos sociais surgem através de uma mobilização emocional, que envolve a indignação que sentem pela injustiça que se deparam. O desejo de esperança em uma realidade melhor também está atrelado ao surgimento de movimentos sociais.

Ao falar dos movimentos sociais organizados em rede, Castells (p.158, 2013) explica que “indivíduos entusiasmados, conectados em rede, tendo superado o medo, transformam-se num ator coletivo consciente”. O autor ainda coloca que o papel da internet nos movimentos sociais vai além de sua característica de articulação, também é capaz de dar condições para que o movimento sobreviva sem liderança e que possa ainda expandir e deliberar ações.

Castells explica que atualmente a atividade mais importante da internet ocorre por meio dos sites e redes sociais. Esses recursos não funcionam apenas como ferramenta de marketing, para fazer amigos, meio de educação, entretenimento e divulgação de notícia. Trata-se de um campo de ativismo sociopolítico. Interessa, neste sentido, compreender de que modo o uso da internet, apropriado pelo movimento feminista, permite um tipo de participação na esfera pública virtual, conforme será observado por meio do acompanhamento, pelas páginas no facebook, de grupos feministas situados no Paraná.

Comunicação como estratégia de ação do movimento feminista

O uso dos meios de comunicação como ferramenta de luta é uma tradição do movimento feminista. Ao longo da história, os veículos passaram por transformações, ocorridas de acordo com as condições técnicas disponíveis e as lutas empreendidas pelo

movimento. As mulheres fizeram uso de panfletos com reivindicações trabalhistas, jornais impressos, que marcaram significativamente a imprensa feminista alternativa no período de maior repressão da ditadura militar no Brasil, na década de 1970.

O feminismo, caracterizado como de “segunda onda”, que ressurgiu durante a ditadura no Brasil, faz circular publicações de caráter alternativo, que possuíam o intuito de debater a condição da mulher, bem como igualdade salarial, liberdade sexual, ampliação dos direitos e questões do âmbito das políticas públicas para as mulheres. Os veículos de maior destaque nesta época são os jornais *Brasil Mulher* (1975-1979), *Nós Mulheres* (1976-1978) e *Mulherio* (1981-1987), capazes de gerar grandes discussões em torno do feminismo e de problemas enfrentados pela mulher na sociedade.

Outros espaços de mídia como programas de rádios, produções de vídeos, blogs, sites e redes sociais vieram posteriormente. Jacira Melo (2003) comenta que a década de 1990 é marcada pela intensa produção editorial feminista e crescente produção de publicações do meio eletrônico.

Surgiram no período cartilhas, folhetos, revistas, folhetins, entre outros. Esses materiais foram possíveis através de pesquisas realizadas que depois se transformaram em meio para tornar os trabalhos de organizações feministas mais visíveis. Ainda assim, Melo (2003) aponta que “é importante observar que são raras as experiências feministas em que a publicação é o objetivo central da ação política”.

As mulheres passaram a buscar mais esses espaços, visto que a mídia hegemônica tratava as questões da mulher de duas formas: ou com uma abordagem altamente estereotipada ou optava por simplesmente ignorar a mulher nas notícias que divulgava.

A necessidade de uma imprensa feminista própria colocou-se, assim, a partir da consciência de que os meios tradicionais de comunicação, esfera de atuação dos donos do poder, e até mesmo alguns setores da imprensa alternativa, ou ignoram a mulher, ou reforçam os estereótipos discriminatórios a seu respeito, ou a manipulam enquanto objeto de consumo-consumidora. Ou seja, negam a existência de um falar feminino e, portanto, de uma mulher sujeito de sua fala e de seu desejo. (BARSTED, 1983, p.14).

Segundo Melo, as publicações feministas precisam ser vistas como uma ação política direta, pois além de funcionarem como meios de informações e de divulgação contribuem para que os discursos políticos sobre a condição da mulher sejam aprimorados e renovados. Dessa forma, as produções são responsáveis pela disseminação de conceitos, ideias, propostas e questões.

A autora ainda dá destaque para a necessidade de investir na criação de espaços próprios para discutir esse meio, como por exemplo, o I Encontro Brasileiro de Publicações Feministas. E discorre sobre as produções feministas, pois é “possível considerar que o feminismo, através de suas publicações, tem conseguido influenciar outros movimentos sociais, introduzindo as perspectivas de gênero, raça/etnia e orientação sexual” (MELO, 2003, p.300)

Movimento Feminista no Paraná

Ainda que as informações a respeito do movimento de mulheres no Paraná sejam limitadas, não há como negar sua importância. Os grupos feministas no Paraná, assim como em outros estados, possuem articulação online e off-line em torno das lutas das mulheres. Ou seja, são ativos nos dois campos e também há grupos que se fazem mais presentes em apenas um deles.

Em uma perspectiva histórica, durante o período da imprensa feminista, destaca-se o jornal *Brasil Mulher*, que começou a ser editado em Londrina, Paraná. O veículo defendia principalmente a anistia a todos os presos e perseguidos políticos. O jornal era distribuído em várias regiões do país, como Maranhão, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraíba e Bahia. Segundo Maria Amélia de Almeida Teles (1999), o jornal abriu o debate para questões da mulher e já em seu primeiro editorial teve forte apelo feminista.

A luta pela anistia aos presos políticos da Ditadura Militar teve presença massiva do movimento de mulheres. No Paraná, o Movimento Feminino pela Anistia – MFPA tinha um núcleo próprio, no qual as paranaenses exerciam sua militância, como explica Carla Cristina Nacke Conradi. Segundo a autora, nesse período havia a organização de grupos como o Grupo de Mulheres 8 de Março (fundado em 1974, em Curitiba) e movimento de mulheres Federação da Mulher no Paraná.

Atualmente, o movimento se organiza por meio de coletivos, grupos informais, ONGs, coletivos universitários, oriundos do Paraná ou funcionando como seções organizadas no país, como a Rede de Mulheres Negras, por exemplo.

Grupos feministas do Paraná: presenças na web

A busca por grupos feministas atuantes no Paraná através da web ocorreu primeiramente digitando palavras de busca como “feminismo Paraná”, “grupos feministas Paraná” e “movimento de mulheres Paraná”. Outro modo de busca foi mandar mensagens

para páginas feministas atuantes no Facebook, perguntando se eram paranaenses ou se conheciam grupos que se articulavam pelas redes e eram do Paraná. Ao encontrar os primeiros grupos, uma página foi levando a outra, evidenciando a característica em rede, onde as páginas interagem e fortalecem sua rede de contatos.

Como o intuito da pesquisa diz respeito aos grupos feministas do Paraná que atuam por meio da internet, realizou-se uma coleta para identificar os mais ativos atualmente. Inicialmente foram coletadas 35 páginas do Facebook, além de buscar se as páginas também estavam ativas em outros pontos de presença, como blogs, sites, Twitter e Instagram.

Como cada página levava a outra, exemplificando a atuação em rede, é válido ressaltar que o levantamento inédito não representa a totalidade dos grupos que estão ativos na internet atualmente. O que foi encontrado também não diz respeito a um retrato fiel do movimento, pois, como já citado, os movimentos sociais estão dispostos de maneira online e off-line e, logo, há grupos no Paraná que estão ativos, mas não estão nas redes, assim como grupos que se articulam mais significativamente pela internet. De qualquer modo, o levantamento proposta apresenta sua relevância ao identificar parte representativa do movimento que realiza ativismo na web no âmbito do Estado.

Após a identificação dos 35 grupos, a regularidade da postagem dos conteúdos funcionou como filtro de seleção em dois momentos para delimitar o objeto da pesquisa. Como foi verificado que apenas dois grupos utilizavam blog próprio para produzir conteúdos (o Coletivo de Jornalistas Feministas Nísia Floresta e Marcha Mundial de Mulheres do Paraná, que funciona como extensão da Marcha Nacional) e que os grupos não tinham outras redes sociais ou as mesmas estavam desatualizadas, a pesquisa teve como recorte apenas as páginas do facebook.

Com o filtro, 14 grupos foram selecionados para coleta de conteúdos e números de curtidas de cada página. O objetivo era compreender como os grupos se organizavam através das páginas, qual o seu alcance, quais formatos escolhidos para divulgação de conteúdos e temas mais frequentes. Para isso foi escolhida a semana que compreende o dia 8 de março de 2016, que contempla o recorte temporal do dia 7 de março (segunda-feira) até 13 de março (domingo), em que todos os conteúdos postados pelas páginas foram coletados e contabilizados.

Dos 14 grupos, 13 são mais ativos, visto que possuíram mais de duas publicações por semana. Desse total, nove páginas são pertencentes a coletivos (desses coletivos, seis são universitários), as outras cinco páginas foram classificadas como grupos informais.

Os grupos são: Marcha das Vadias – Curitiba (Curitiba), Mietta Santiago - Coletivo de Mulheres do Direito – UEL (Londrina), Coletivo Anália Franco Curitiba (UTFPR, Coletivo Resistência Amapô (Ponta Grossa), Coletivo Feminista Mais que Amélias (União da Vitória), Coletivo Mulheres Puquianas (Toledo (PUC – PR), Coletivo de Jornalistas Feministas Nísia Floresta (Curitiba), Coletivo 3 Marias (Curitiba –PUC), Grafites Feministas (Curitiba), Coletivo Feminista Cláudia da Silva (Guarapuava - Unicentro), Coletivo Marias da Boca Maldita (Curitiba - Tuiti), Rede de Mulheres Negras (Curitiba), Marcha Mundial de Mulheres do Paraná e Movimento Mulheres em Luta – PR (âmbito estadual, pois funcionam como braço de grupos nacionais).

Formas de ativismo on-line do movimento feminista no Paraná

O total de conteúdo publicado pelas 14 páginas feministas no facebook durante a semana referida foi de 201 postagens. Desse número, 142 postagens dizem respeito ao conteúdo compartilhado, ou seja, quando a página compartilha o conteúdo de outra página. Registra-se que 59 postagens são de conteúdo próprio, nem sempre produzido pelos administradores da página, como é o caso de links de reportagens, links externos de sites como *Youtube* e imagens da internet.

Os dois filtros para seleção das páginas, um antes da coleta e um durante (grupos com nenhuma ou apenas uma publicação na semana) fizeram um recorte de 14 grupos, que nem sempre especificavam de onde são e como se organizam. Neste caso, houve contato com as páginas para saber a questão da procedência, mesmo sabendo que questões de âmbito local muitas vezes são imensuráveis ao compartilhar conteúdos na internet.

Na fase inicial de busca por grupos foram pesquisados se estes possuíam todos os chamados pontos de presença, ou seja, se estavam presentes em sites, blogs e todas as redes sociais. Como os grupos atuam majoritariamente pelo facebook, a análise em outros meios foi desconsiderada.

A página com maior número de curtidas e com mais postagens é a ‘Grafites Feministas’, de Curitiba. No início do mês em 07 de março, a página possuía 50.460 likes, já no fim do mês em 29 de março o número de likes era de 55.327. Do total de 936

postagens da ‘Grafites Feministas’, 74 eram conteúdos compartilhados e 19 conteúdos próprios. No dia 8 de março a página postou 55 vezes.

A segunda página é um Coletivo universitário da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro) de Guarapuava, o ‘Cláudia da Silva’. No início do mês eram 764 curtidas e no final de março, 815. Cláudia da Silva postou 34 conteúdos, sendo 28 compartilhados e seis próprios.

É válido ressaltar que existe uma considerável discrepância entre o número de likes das páginas. A diferença de curtidas da primeira para segunda página mostra isso. Outro exemplo é a diferença da página com mais curtidas para a com menos curtidas. Enquanto ‘Grafites Feministas’ tinha no fim do mês mais de 55 mil curtidas, o Coletivo universitário da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Campus Toledo, Mulheres Puquianas, registrou no começo do mês 192 likes e no fim de março 252 likes em sua página.

Destaca-se que o período de fundação das páginas (um dos fatores que pode explicar a discrepância entre as páginas) não foi levado em consideração, pois muitas delas não especificam essa informação. Contudo, entende-se que o período de existência e o potencial para funcionar em rede contribuem para uma maior visibilidade dos grupos.

Em um novo recorte, optou-se por trabalhar detalhadamente com as 59 postagens de conteúdo próprio. Os dois assuntos mais recorrentes foram ‘ações para o dia da mulher’, em que os grupos se organizaram para passeatas, panfletagens, marchas, exibição de filmes e arrecadação de produtos de higiene pessoal, por exemplo, que somaram 10 postagens sobre o tema. O segundo tema que mais aparece, com oito publicações, é sobre violência contra a mulher, pois além de ser uma das grandes reivindicações do movimento feminista, o tema apareceu frequentemente em forma de link externo de reportagem, repercutindo o assassinato da estudante Louise Ribeiro, da Universidade de Brasília (UnB) pelo colega em um dos laboratórios. Tal fato evidencia que, ainda que as páginas não tenham essencialmente uma base jornalística, elas funcionam a partir de um agendamento, repercutindo temas atuais. As páginas que publicaram sobre o tema estimularam a reflexão sobre o crime ocorrido e levantaram outras questões como feminicídio e culpabilização da vítima.

A questão de agendamento também apareceu em temas referentes à licença paternidade, visto que no período da coleta houve uma alteração na lei, em que a licença de

cinco dias passou a ser de 20 dias. Novamente, as páginas que abordaram esse tema fizeram com que o assunto fosse desdobrado por meio de reflexões e discussões.

Outros temas que também apareceram na semana da coleta foram: Dia da Mulher (5), direitos sexuais (3), divulgação (3), empoderamento (5), expressão cultural (5), informação (2), manifesto (4), mulher e mídia (3), mulheres negras (2), reivindicação (3), respeito (1) e trabalho (5).

O tema ‘mulher e mídia’ apareceu três vezes através da mesma página, o Coletivo de Jornalistas Feministas Nísia Floresta, que funciona como um observatório de mídia feminista de Curitiba e do interior do Paraná. Durante a semana as postagens tinham como principal característica a defesa de uma mídia igualitária referente às questões de gênero.

As postagens reivindicavam que a mídia reconsiderasse a forma de tratar sobre temas de gênero em um texto reflexivo, justamente no Dia da Mulher, além de propor igualdade da mídia, nesse caso em relação à Gazeta do Povo, pois ao dar um espaço para ex-ativista Sara Winter, deveria da mesma forma oferecer um espaço para que o movimento feminista possa expor suas ideias e reivindicações. A última postagem desse tema diz respeito ao modo como a mídia se refere às mulheres, nesse caso, tanto a Gazeta do Povo como o diretor da revista *Época* usaram o termo “histórica”. As postagens visam fazer com que o tema seja refletido e que a relação entre mídia e mulheres seja percebida e levada em consideração.

Os formatos em que os assuntos foram publicados também foram analisados. Os mais recorrentes foram 12 fotos, oito links externos e oito textos com imagens. Outros formatos que também aparecem são: gif (4), frase (1), link do próprio blog (2), imagem (7), link externo – reportagem (7), texto (5), texto + foto (2), texto + link externo (1), texto + link do blog próprio (1) e vídeo (1).

Considerações finais

Ainda que o material bibliográfico a respeito do movimento feminista no Paraná, bem como sua história, transformações e atual conjuntura sejam escassos, não se pode negar que de fato há grupos articulados no estado, tanto pelas redes, como no chamado mundo *offline*. Assim como também não se pode ignorar a importância das ações desses grupos que compreendem a influência e relevância da comunicação e a possibilidade do ativismo na web, fazendo uso das novas tecnologias como forma de luta e enfrentamento.

A coleta de grupos feministas do Paraná que se articulam na internet, mesmo não oferecendo o número total - visto que com a instantaneidade da web páginas do Facebook, por exemplo, são criadas e excluídas de maneira rápida e simples -, revela a relevância desse levantamento ao dar visibilidade a grupos informais que projetam o movimento feminista no espaço da web.

O fato da maioria do conteúdo levantado não ser próprio mostra uma característica do Facebook em optar na maioria das vezes em compartilhar as postagens para que elas cheguem ao máximo de pessoas possível. Apesar disso, o recorte feito nas fases mais avançadas da coleta de informações mostra que, ainda que pareçam pouco, 59 conteúdos próprios se referem a um número expressivo, que possibilitou que as páginas pudessem ser caracterizadas.

Por exemplo, das quatro postagens próprias que a página ‘Marcha das Vadias – Curitiba’ publicou durante a semana, todas são links externos de reportagem. O que mostra uma característica da página em pautar conteúdos noticiosos e que terão, portanto, repercussão, em especial para as mulheres. Os temas foram igualdade salarial, doulas, sexismo e violência contra mulher. É importante lembrar que as observações feitas dos grupos foram realizadas a partir da descrição dos grupos que apareciam em suas páginas.

O modo como os movimentos sociais se articulam na web, seja como meio de resistência ou mesmo para levantar suas bandeiras de luta, evidencia uma nova forma de protesto, organização e de reivindicação. Dessa forma, os grupos estão dispostos tanto no meio *online* como *offline*, evidenciando a pertinência do conceito de redes, que compreende as dinâmicas dos movimentos, buscando diferentes meios para desenvolver suas ações.

Ao longo do artigo, que realizou um levantamento dos grupos feministas mais atuantes na internet no Paraná, foi possível caracterizar o uso do facebook como modo de difusão, articulação e visibilidade do movimento, caracterizando novas práticas de resistência e luta baseadas no ativismo nas redes. Desse modo, a partir de variados temas, formatos e repercussões, os grupos inserem na esfera pública virtual debates que repercutem na ação política dos movimentos sociais na atualidade.

REFERÊNCIAS

BARSTED, Leila Linhares. Comunicação: é falando que a gente se entende. In: PROJETO MULHER. **Mulheres em Movimento**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero; Instituto de Ação Cultural, 1983. p. 13-16.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CAMMAERTS, B. **Lógicas de protesto e a estrutura de oportunidade de mediação**. MATRIZES – Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, ano 7, n. 2, p. 13-36, jul./dez. 2013.

CONRADI, Carla Cristina Nacke. “**Por uma história das mulheres no Paraná: o Movimento Feminino pela Anistia e sua concepção de feminino**”. 2013. Disponível em <
<http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/files/2013/06/Por-uma-hist%C3%B3ria-das-mulheres-no-Paran%C3%A1-o-Movimento-Feminino-pela-Anistia-e-sua-concep%C3%A7%C3%A3o-de-feminino.pdf>>

DI FELICE, Massimo. **Ser redes: o formismo digital dos movimentos net-ativistas**. Revista MATRIZES - Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, ano 7, n. 2, p. 49-71, jul/dez. 2013.

MELO, Jacira. Publicar é uma ação política. *Revista Estudos Feministas*, vol.11, n.1, 2003. P. 298-301. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2003000100022>

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1999.